

SIGRID UNDSSET

A COROA

A SAGA DE KRISTIN LAVRANDATTER
VOLUME I

TRADUZIDO DO ORIGINAL NORUEGUÊS POR
JOÃO REIS



ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE — Jørundgård	7
I	9
II	29
III	49
IV	61
V	75
VI	91
VII	99
 SEGUNDA PARTE — A Coroa	 117
I	119
II	129
III	145
IV	165
V	177
VI	189
VII	205
VIII	215

SIGRID UNDSET

TERCEIRA PARTE — Lavrans Bjørgulfsson.	229
I	231
II	239
III	253
IV	279
V	289
VI	297
VII	307
VIII	323

I

Quando os bens de Ivar Gjesling, *o Novo*, de Sundbu, foram divididos em 1306, as suas terras em Sil passaram para a sua filha Ragnfrid e para o esposo desta, Lavrans Bjørgulfsson. O casal, que vivia numa propriedade de Lavrans – a quinta de Skog, em Follo, perto de Oslo –, mudou-se então para Jørundgård, herdade situada no topo da planície de Sil.

Lavrans fazia parte da linhagem conhecida neste país como filhos de Lagmann⁽¹⁾. A sua estirpe teve início na Suécia com um tal Laurentius Østgøtalagmann, que raptou do convento de Vreta a irmã do Jarl⁽²⁾ de Belbo, a donzela Bengta, e a levou para a Noruega. D. Laurentius residia na corte do rei Håkon, *o Velho*, que tinha por ele grande estima. Foi o rei quem lhe deu a quinta de Skog. No entanto, quando estava no país há já cerca de oito anos, Laurentius morreu depois de uma doença prolongada, e a sua

⁽¹⁾ *Lagmannssønnene* significa literalmente «os filhos do juiz». Um *lagmann* era um oficial de justiça que tinha como função decorar e recitar oralmente as leis em assembleias nacionais. Optei por manter o apelido no original (N. T.).

⁽²⁾ Título nobiliárquico usado na Escandinávia no tempo dos vikings e na Idade Média para designar governadores regionais. O termo não tem equivalência na hierarquia portuguesa (N. T.).

viúva, uma das filhas da casa de Folkunge, que o povo da Noruega apelidava de filha do rei, regressou à terra natal para se conciliar com os parentes. Mais tarde, esta mulher casou-se noutras terras com um homem rico. Como ela e D. Laurentius não tinham tido filhos, Ketil, irmão de Laurentius, herdou Skog. Este Ketil viria a ser o avô paterno de Lavrans Bjørgulfsson.

Lavrans casou cedo e tinha apenas vinte e oito anos quando chegou a Sil. Era três anos mais novo do que a esposa. Na juventude, fizera parte da guarda real e beneficiara de uma boa educação, mas depois de se casar começou a levar uma vida tranquila na sua propriedade, porque Ragnfrid era um pouco estranha e melancólica e não se dava bem entre as pessoas do Sul. Depois de ter tido o infortúnio de perder três filhos em tenra idade, Ragnfrid tornou-se ainda mais reservada, evitando o convívio com gentes de fora. Lavrans mudou-se para o vale de Gudbrandsdalen sobretudo para que a mulher ficasse mais perto de parentes e amigos. Quando lá chegaram, ainda tinham uma filha viva – uma menina chamada Kristin.

Porém, depois de se estabelecerem definitivamente em Jørundgård, continuaram a levar uma vida pacata e a conviver pouco. Ragnfrid parecia não gostar muito dos familiares, porque se encontrava com eles apenas o estritamente necessário para manter boas aparências. Isso devia-se em parte ao facto de Lavrans e Ragnfrid serem muito piedosos e tementes a Deus e frequentarem fielmente a igreja, acolhendo com alegria todos os servos de Deus e viajantes que pretendiam tratar de assuntos relativos à Igreja ou peregrinos que atravessavam o vale em direcção a Nidaros; além disso, mostravam o maior respeito para com o padre da paróquia – que por acaso morava na quinta de Romundgård e era, assim, também o seu vizinho mais próximo. Contudo, os restantes habitantes do vale acreditavam que o reino divino já lhes custava díizimos suficientes, bens e dinheiro, e acreditavam, por conseguinte, que não precisavam de se dedicar com tanta minúcia aos jejuns e às orações, ou de levar para dentro das suas casas padres e monges, a menos que estes lhes fossem úteis de alguma forma. De resto, as pessoas de Jørundgård eram muito

respeitadas e estimadas, sobretudo Lavrans, conhecido por ser um homem forte e corajoso, mas pacífico, honesto e calmo; era ainda tido como um nobre modesto, porém, galante, e também como um lavrador extremamente competente e grande caçador, pois apanhava, muito afoito, lobos e ursos e animais daninhos. Em poucos anos, adquirira muitas terras, mas era um senhor pres-tável e simpático para com os seus arrendatários.

As pessoas viam Ragnfrid tão raramente que em pouco tempo deixaram de a mencionar por completo. Aquando do seu regresso a casa, no vale, muitos tinham ficado surpreendidos porque se recordavam dela da época em que vivia em Sundbu. Nunca fora bonita, mas na mocidade tinha bom ar, parecia feliz. Ao passo que agora se degradara tanto que parecia ser dez anos mais velha do que o marido, e não três. As pessoas achavam que o luto que fazia pelos filhos era excessivamente pesado, porque, no fim de contas, ela estava sob todas as perspectivas melhor do que a maior parte das mulheres – tinha uma grande fortuna e uma posição invejável na sociedade, e, tanto quanto se podia ver, dava-se bem com o marido: Lavrans não tinha casos com outras mulheres, pedia-lhe conselhos em todos os assuntos e nunca a destratava, quer estivesse sóbrio, quer embriagado. E também não era assim tão velha que não pudesse ter ainda muitos filhos, se Deus assim o desejasse.

Era-lhes difícil arranjar jovens que quisessem trabalhar em Jørundgård, precisamente porque a dona da casa era muito melancólica. Ademais, ali seguiam com demasiado rigor todos os jejuns decretados pela Igreja. Fora isso, os criados viviam bem na propriedade, e raras vezes lhes dirigiam uma má palavra ou uma repreensão – Lavrans e Ragnfrid conduziam eles próprios todos os trabalhos. O senhor da casa era também bem-humorado, à sua maneira, e facilmente se juntava a um baile ou a uma cantoria quando, nas noites brancas, os jovens se divertiam à volta da igreja. Todavia, eram sobretudo pessoas mais velhas que procuravam trabalho em Jørundgård, uma propriedade que consideravam a seu contento e onde permaneciam por muito tempo.

Um dia, quando tinha sete anos, Kristin acompanhou o pai a uma das cabanas de pastor que tinham nas pastagens altas. Isto aconteceu numa bonita manhã no início do Verão, e Kristin, que estava no sótão – onde dormiam quando fazia calor –, reparou de imediato que o dia se mostrava soalheiro. Ouviu também o pai a falar com os criados no terreiro, e sentia-se tão contente que mal podia esperar que a mãe a vestisse, saltando sem parar sempre que esta lhe enfiava uma peça de roupa. Nunca tinha ido às montanhas, atravessara apenas o desfiladeiro até Vågã das vezes em que os podia acompanhar para visitar a família materna em Sundbu, ou quando ia à floresta mais próxima com a mãe e as criadas para aí colherem bagas, que Ragnfrid acrescentava à cerveja desenxabida que bebia. Fazia também uma compota azeda de arandos e amoras com que barrava o pão na Quaresma, de forma a evitar a manteiga.

A mãe enrolou o cabelo comprido e loiro de Kristin e prendeu-lho debaixo do seu antigo gorro azul. Depois, deu à filha um beijo na cara, e Kristin correu até junto do pai. Lavrans, que estava já na sela, pegou nela e sentou-a atrás de si, mais precisamente em cima da sua capa, que enrolara como uma almofada no dorso do cavalo. Kristin sentou-se de lado e agarrou-lhe no cinto. Por último, despediram-se da mãe, que, no entanto, foi ter com eles a correr, vinda do corredor, com o manto com capuz de Kristin nas mãos. Entregou-o a Lavrans e pediu-lhe que cuidasse bem da criança.

Fazia sol, mas como chovera copiosamente de noite, os ribeiros corriam e cantavam pelas encostas das colinas, e uma árvore cobria as vertentes das montanhas. Porém, acima dos cumes das montanhas viam-se no céu azul nuvens brancas que anunciavam bom tempo, e Lavrans e os seus homens comentaram entre si que mais tarde faria bastante calor. Lavrans fizera-se acompanhar por quatro criados, todos eles bem armados, porque naquela altura andavam muitas pessoas estranhas pelas montanhas – embora fosse improvável virem a cruzar-se com essas gentes, porque eram um grupo numeroso e a deslocação seria breve. Kristin gostava de todos os serviçais; três deles eram homens mais velhos, mas o quarto, Arne Gyrðsson, de Finsbrekken, um rapaz já crescido,

era o seu melhor amigo. Arne seguia de perto o cavalo que ela e Lavrans montavam, pois estava incumbido de lhe apontar e explicar tudo aquilo por que passavam.

Atravessaram a cavalo a quinta de Romundgård e trocaram saudações com o padre Eirik. Encontraram-no no exterior a repreender a filha⁽³⁾ – era ela quem cuidava da casa –, porque na véspera deixara uma meada de fio recém-tingido ao ar livre, meada essa que a chuva estragara por completo.

Na colina atrás da casa do padre ficava a igreja. A igreja não era grande, mas era bonita, delicada e estava bem tratada, tendo sido recentemente calafetada. Lavrans e os seus homens tiraram os chapéus e baixaram as cabeças quando chegaram à cruz diante do portão do cemitério. Então, o pai virou-se na sela e tanto ele como Kristin acenaram à mãe, que avistaram no terreiro da sua quinta. Ragnfrid retribuiu-lhes o aceno abanando uma ponta do seu véu de linho.

Kristin costumava brincar quase diariamente na colina da igreja e no cemitério, mas naquele dia iria tão longe que a sua casa e a sua aldeia lhe pareceriam estranhas, como se fossem novas. O aglomerado de edifícios em Jørundgård, tanto os que rodeavam a casa principal como os anexos, pareciam ter encolhido e adquirido uma tonalidade mais acinzentada. O rio brilhante, por seu lado, serpenteava a perder de vista, e o vale abria-se à sua frente com os seus pântanos e grandes pastagens verdes, e as encostas cinzentas e íngremes das montanhas abrigavam quintas com prados e campos de cultivo.

Kristin sabia que Loptsgård se situava mais abaixo, onde os montes se uniam e encerravam o vale. Era aí que viviam Sigurd e Jon, dois idosos de barba branca que brincavam e a provocavam sempre que iam a Jørundgård. Gostava de Jon, porque ele lhe esculpia, em madeira, animais muito bonitos, e porque lhe dera em certa ocasião um anel de ouro. Mas da última vez que ele a visitara, mais precisamente no Domingo de Pentecostes,

⁽³⁾ Nesta época, a Noruega ainda era católica, mas os padres não estavam obrigados ao celibato (*N. T.*).

Jon oferecera-lhe um cavaleiro tão bem esculpido e pintado que Kristin achou que nunca recebera uma prenda tão boa. Insistia em levá-lo para a cama todas as noites, mas de manhã, quando acordava, encontrava o cavaleiro no degrau diante da cama em que dormia com os pais. O pai dizia-lhe que o cavaleiro acordava ao primeiro canto do galo, mas Kristin sabia perfeitamente que era a mãe quem o tirava da cama quando adormecia, porque a ouvira dizer que ficariam muito desconfortáveis ou se magoariam se rebolassem e ficassem sobre ele durante a noite.

Kristin tinha medo de Sigurd de Loptsgård e não gostava de que ele a sentasse ao seu colo, porque Sigurd costumava dizer que quando ela fosse adulta dormiria nos seus braços. Sobrevivera a duas mulheres e comentava que certamente sobreviveria à terceira; por isso, Kristin bem podia ser a quarta. Ao ouvir isto, ela começava a chorar, e Lavrans ria-se e afirmava que não lhe parecia que Margit pretendesse morrer em breve, mas se as coisas corressem mal e ele lhe comesse a fazer a corte, receberia um rotundo não. Kristin não tinha de se preocupar com isso.

A norte, à distância de um tiro de flecha lançado da igreja, havia junto à estrada um grande penedo rodeado de um bosque cerrado de bétulas e faias. Era ali que brincavam às igrejas e era também ali que Tomas, o neto mais novo do padre Eirik, se levantava e dava a missa como o avô, salpicando-os de água benta e fazendo batismos quando havia água da chuva nas cavidades do penedo. Mas uma vez, no Outono passado, as coisas tinham dado para o torto. Primeiro, Tomas casara Kristin e Arne – Arne ainda era suficientemente novo para ficar a brincar com as crianças, algo que fazia sempre que podia. Depois, Arne apanhara um leitão que andava perdido e levava-o até lá para ser batizado. Tomas benzerá-o com lama, mergulhara-o num buraco lodacento e, imitando o avô, dissera a missa em latim, repreendendo-os por oferecerem pouco dinheiro, o que fez rir as crianças, porque já tinham ouvido os adultos a falar da grande avareza de Eirik. E quanto mais se riam mais imaginativo se tornava Tomas, que, a dado momento, disse que aquela criança tinha sido concebida durante a Quaresma e que teriam de expiar o pecado perante o

padre e a Igreja. Os rapazes mais velhos riram-se às gargalhadas, mas Kristin, que tinha o leitão ao colo, sentiu-se tão envergonhada que começou a chorar. E enquanto estavam nisto, o próprio Eirik passou por eles a cavalo, pois estava a voltar a casa depois de ter ido visitar um paroquiano doente. Assim que se apercebeu do que as crianças estavam a fazer, desmontou do cavalo e entregou bruscamente o santo cibório a Bentein, o neto mais velho que o acompanhava, de tal modo que Bentein quase deixou cair ao chão a pomba de prata com as hóstias. O padre lançou-se às crianças e bateu em todas aquelas que conseguiu agarrar. Kristin soltou o leitão, que correu pela estrada fora a guinchar e a arrastar com ele a roupa de baptismo, levando os cavalos do padre a recuarem com receio. O padre também bateu em Kristin, que caiu, e depois deu-lhe um pontapé que a fez sentir dores na anca durante vários dias. Quando Lavrans soube disto, achou que Eirik tinha sido demasiado duro com Kristin, porque ela era muito pequena. Pretendia falar com o padre acerca do assunto, mas Ragnfrid rogou-lhe que não o fizesse, porque a criança tinha tido aquilo que merecia por participar numa brincadeira tão blasfema. Por isso, Lavrans não falou mais no assunto, mas deu a Arne a maior sova da sua vida.

Foi por isso que, quando passaram pelo penedo, Arne puxou a manga de Kristin. Como não se atrevia a dizer nada à frente de Lavrans, fez uma carantonha, sorriu e deu uma palmada nas próprias costas. Kristin, por seu lado, baixou a cabeça, envergonhada.

A estrada entrou por uma floresta cerrada. Cavalgavam sob a serra de Hammerås: o vale estreitou-se e escureceu, e o rugido do rio tornou-se mais forte e embrutecido. Quando entreviram o rio Låg, repararam que as suas águas fluíam, com um matiz verde-gelo e muita espuma branca, por entre paredes rochosas e íngremes. A floresta escurecia de negro as montanhas de ambos os lados do vale; o desfiladeiro era apertado e penumbroso, e corriam por ali rajadas gélidas de vento. Atravessaram a pequena ponte sobre o ribeiro Rostå e depressa viram, mais abaixo no vale, a ponte sobre o rio. Numa piscina natural logo abaixo da ponte vivia um espírito do rio. Arne queria conversar com Kristin sobre esse espírito, mas Lavrans proibiu estritamente o rapaz de falar sobre tais coisas

na floresta. E quando chegaram à ponte, Lavrans desmontou do cavalo e guiou-o pelas rédeas enquanto, com o outro braço, segurava a criança pela cintura.

Na outra margem do rio, um trilho levava directamente aos cumes montanhosos, por isso os homens desmontaram e seguiram a pé. Contudo, Lavrans pousou Kristin na sua sela, de modo que a menina se pudesse segurar ao arção, permitindo-lhe assim cavalgar *Gullsvein* a sós.

Novos cumes cinzentos e colinas azuladas raiadas de neve ergueram-se por detrás das encostas da montanha, à medida que foram subindo no terreno, e, a dado momento, Kristin vislumbrou por entre as árvores a aldeia a norte do desfiladeiro. Arne, por seu turno, ia apontando para as quintas e indicando os seus nomes.

Chegaram a uma pequena cabana no alto da vereda. Pararam junto à cerca feita de estacas e Lavrans assinalou a sua chegada com um berro. A sua voz ecoou várias vezes entre os montes, e dois homens largaram a correr por entre duas pastagens de pequenas dimensões. Eram os filhos da casa, ambos alcatroeiros hábeis, Lavrans queria contratá-los para lhe prestarem alguns serviços. A mãe dos rapazes surgiu pouco depois, levando uma grande tigela de leite que guardara na cave, porque fazia calor naquele dia, tal como os homens tinham previsto.

— Vi que trazias a tua filha — disse ela depois de os cumprimentar —, então pensei em vir cá vê-la. Tira-lhe o gorro, se faz favor. Dizem que tem um cabelo loiro tão bonito!

Lavrans fez o que a mulher lhe pediu e o cabelo de Kristin caiu-lhe pelas costas abaixo, chegando à sela. Era forte e dourado como trigo maduro. Isrid, a mulher, sopesou-o e disse:

— Vejo agora que os rumores acerca da tua menina não eram exagerados: é um verdadeiro lírio e parece filha de um cavaleiro. Tem olhos meigos e é parecida contigo, não com os Gjeslings. Deus te dê muitas alegrias com ela, Lavrans Bjørgulfsson! E olha para ti a montar o *Gullsvein* como se fosses uma emissária do rei — gracejou ela enquanto segurava na tigela para que Kristin bebesse.

A criança corou de alegria, porque sabia perfeitamente que o pai era considerado o homem mais bonito das redondezas, e a

verdade é que ele parecia de facto um cavaleiro no meio dos seus homens, embora se vestisse apenas como um lavrador, tal como fazia diariamente quando andava por casa. Estava a usar um gibão bastante largo e curto de burel verde, desapertado no pescoço de maneira a deixar ver a camisa; vestia também calções e calçava sapatos de couro claro, levando na cabeça um chapéu antiquado de lã com abas largas. As únicas jóias que usava eram uma fivela de prata polida no cinto e um alfinete de filigrana na gola da camisa. Via-se-lhe também parte de uma corrente de ouro ao pescoço. Lavrans usava-a sempre com um crucifixo de ouro pontuado de grandes cristais. O pendente abria-se e continha um fragmento da mortalha e do cabelo de Santa Helena de Skövde, porque os «filhos de Lagmann» acreditavam descender de uma das filhas dessa mulher santa. Quando ia à floresta ou quando estava a trabalhar, Lavrans costumava pôr o crucifixo por dentro da camisa, junto ao peito, para não o perder.

No entanto, com as suas roupas grosseiras usadas diariamente, parecia mais nobre do que muitos cavaleiros ou cortesãos vestidos de gala. Era espadaúdo, alto, forte e tinha ancas estreitas; a cabeça pequena assentava perfeitamente no pescoço e as feições eram delicadas – o rosto um pouco comprido, mas com faces carnudas, um queixo arredondado e uma boca bem desenhada. Era aloirado, de pele pálida e tinha olhos cinzentos e cabelo viçoso, liso e sedoso.

Ficou de pé a conversar com Isrid, perguntando-lhe como iam as coisas por ali. Quis também saber o que era feito de Tordis, uma parente de Isrid, que naquele Verão estava a tomar conta das pastagens de Jørundgård. Tordis tivera um filho recentemente e Isrid esperava apenas uma oportunidade para atravessar a floresta em segurança, a fim de transportar a criança até ao sopé da montanha para a baptizar. Lavrans disse-lhe então que Isrid os podia acompanhar até lá acima e descer juntamente com eles na tarde seguinte, pois estaria mais segura se se fizesse acompanhar por muitos homens quando levasse consigo a criança pagã.

Isrid agradeceu: — Para dizer a verdade, era mesmo disso que eu estava à espera. Nós, os pobres que moramos cá em cima, sabemos bem que nos fazes um favor, se puderes, sempre que cá vens.